

1

Introdução

Somos o que se pode dizer um *povo de bem*, um *povo boa pessoa*. E a nação, vista de fora e de longe, tem aquele ar honesto de uma pacata casa de província, silenciosa e caiada onde se pressente uma família comedida, temente a Deus, de bem com o regedor, e com as economias dentro de uma meia... A Europa reconhece isto: e, todavia olha para nós com um desdém manifesto. Por quê? Porque nos considera uma nação de medíocres: digamos francamente a dura palavra – porque nos considera uma *raça de estúpidos*. Este mesmo “Times”, este oráculo augusto, já escreveu que Portugal era, intelectualmente, tão caduco, tão casmurro, tão fóssil, que se tornara um país bom para se lhe passar muito ao largo e *atirar-lhe pedras* (textual)¹

Eça de Queiroz

A presente dissertação tem por objetivo analisar o papel de Eça de Queirós, escritor português do século XIX, no projeto revolucionário de modernização de Portugal e identificar os procedimentos de escrita que caracterizam sua proposta de transformação da situação vigente. Procuraremos descrever algumas das configurações que compõem o perfil do intelectual, e como elas se articulam com o romance *O primo Basílio*, publicado em 1878, que será o foco de nossa investigação. Entretanto, a partir da configuração do recorte da sociedade presente no romance, o mapeamento se ampliará através de referências e relações estabelecidas com outras obras de Eça, especialmente com suas crônicas d’As Farpas e suas cartas.

Antes de iniciarmos a discussão sobre o papel do intelectual moderno e a análise sobre a crítica de Eça à sociedade portuguesa, faremos, na primeira parte do ensaio, a apresentação de um breve panorama da vida cultural e social européia, especialmente a de Paris, na segunda metade do século XIX, com o objetivo de analisar a defasagem de Portugal frente ao resto do mundo desenvolvido e

¹ QUEIRÓZ, Eça de. “O Brasil e Portugal”. In *Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 169-70.

modernizado da Europa. Dentro deste panorama, ganham relevo as principais mudanças e transformações que caracterizaram a sociedade europeia oitocentista, principalmente a dos países “desenvolvidos”, pois como iremos constatar, nem todo o continente foi “atingido” por essa modernização. Ao longo da primeira seção, também definiremos o que significava “ser moderno” naquele século, apresentando os principais símbolos e elementos estruturantes da modernidade, como: luxo, consumo, conforto, cultura de massa, cultura do entretenimento, circulação de produtos e pessoas, encurtamento espacial e temporal, entre outros.

Dentre as principais mudanças e rupturas que ocorreram na parte desenvolvida da Europa, mais precisamente na segunda metade do século XIX, e que serão objetos de nossa análise, destacam-se a formação das estradas de ferro, o surgimento do automóvel, da navegação a vapor e a invenção do telégrafo e do telefone. Analisaremos, também, algumas mudanças importantes que ocorreram nos campos social e cultural, como, por exemplo, a emancipação das mulheres, o desenvolvimento significativo das artes, o surgimento da cultura de massa, principalmente através do folhetim e do advento da fotografia, o surgimento da imprensa e da publicidade e o nascimento de uma sociedade de “massa”, definida primordialmente pelo enorme número de compradores e de produtos de consumo.

Com a finalidade de obter um cenário fidedigno da Europa oitocentista, dialogaremos com consagrados textos produzidos ao longo do século XX, que orientarão a exploração de tal temática funcionando como objetos de análise e reflexão críticas. Os principais autores que darão o suporte crítico e teórico para a análise a ser desenvolvida nessa primeira parte do estudo são Eric Hobsbawm, Renato Ortiz, Richard Sennett, Walter Benjamin e Marshall Berman.

Na segunda parte do ensaio, faremos uma apresentação e análise do cenário social e cultural do Portugal dos oitocentos, que era criticado por não ter desenvolvido uma elite intelectual significativa que incentivasse o desenvolvimento das artes e das ciências e por se manter, durante muitos anos, na periferia do desenvolvimento econômico capitalista. Refletiremos também sobre o desenvolvimento industrial e tecnológico português que, como iremos constatar, foi tardio em relação aos avanços industriais e tecnológicos das grandes metrópoles

européias. Alguns intelectuais, como Eça de Queirós, tiveram consciência dessa “inferioridade” lusitana e, através de suas obras, criticaram a sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX.

A principal fonte documental em que se baseia essa parte do estudo é a obra de José-Augusto França, *O Romantismo em Portugal*². Também dialogaremos com Eduardo Lourenço e com alguns textos de Eça de Queirós que fazem parte da publicação “Uma Campanha Alegre”.

O nosso primeiro objeto de análise será a vida social portuguesa, que era considerada monótona e tediosa em comparação ao glamour e à agitação social das grandes capitais européias. Refletiremos também sobre a educação e o papel das mulheres burguesas na sociedade portuguesa, que constituem importantes alvos da crítica eciana, e sobre a produção artística em Portugal -- passando pelos campos da música, da dança, da pintura, da arquitetura e da escultura -- que, segundo os escritores da época, era de baixa qualidade, despertava pouco interesse do público, não recebia incentivo do governo e não prosperava, situação que contrastava com o desenvolvimento notável das artes nos países mais desenvolvidos da Europa.

Juntamente com a reflexão sobre a vida cultural e social portuguesa, acompanharemos o processo da evolução industrial e tecnológica do país que, durante vários anos, de acordo com os estudos de José-Augusto França, não progrediu significativamente. Somente nos fins do século XIX, algumas mudanças foram tomando conta da sociedade portuguesa, como, por exemplo, a formação das companhias de estradas de ferro, o surgimento do telégrafo, da eletricidade e do telefone, a inauguração de uma fase industrial dos jornais, a criação de um sistema de publicidade, através de anúncios, o estímulo ao consumo e o surgimento de sistemas de transportes coletivos.

Na última parte dessa seção daremos destaque à questão da educação e da literatura em Portugal, dando espaço à crítica de Eça através de seus artigos d’As Farpas. Ainda no campo da literatura, analisaremos a Questão Coimbrã, que agitou a opinião pública e promoveu uma revolução nas letras portuguesas, e refletiremos

² FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

sobre a influência e as implicações das idéias e questões trazidas à tona pelas reuniões do Cenáculo e pelas Conferências do Casino no projeto revolucionário de Eça de Queirós.

A primeira parte da terceira seção do estudo possui um recorte mais teórico, já que busca estabelecer os limites conceituais por meio dos quais podemos qualificar Eça de Queirós não somente como um *intelectual*, mas também como um *intelectual moderno*. Depois de definida a principal função do intelectual moderno, – a de intervenção crítica na sociedade –, a perspectiva que pretendemos desenvolver e aprofundar está direcionada para a questão do projeto de modernização de Portugal, desenvolvido por Eça de Queirós, como escritor e intelectual português da segunda metade do século XIX.

Com o objetivo de demarcar o momento em que Eça começou a colocar a sociedade portuguesa em causa e identificar as bases e raízes de sua proposta de modernização de Portugal, recordaremos brevemente a época em que o autor era estudante da Universidade de Coimbra, analisando as influências que recebeu dos escritores e intelectuais dos países europeus mais desenvolvidos, como, por exemplo, Michelet, Hegel, Proudhon, Hugo, Taine, Darwin, entre outros, cujas obras o inspiraram e acompanharam durante todo seu projeto.

A reflexão sobre a influência das “[...] torrentes de coisas novas, idéias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários [...]”³ que chegaram a Portugal através das estradas de ferro é fundamental para o nosso estudo, pois a consciência da “subalternidade de Portugal” se tornou mais presente para os intelectuais da geração de Eça quando eles começaram a entrar em contato com as idéias revolucionárias dos países desenvolvidos e a perceberem, mais do que nunca, que Portugal necessitava com urgência de um programa cultural para ser modernizado. É a partir dessas premissas que Eça de Queirós inicia seu projeto de “regenerar” Portugal, isto é, o seu projeto de intervenção na sociedade, através da ironia corrosiva e da crítica contundente à vida social, política e moral da época. É essa proposta de “intervenção regeneradora” que iremos analisar.

³ QUEIRÓZ, Eça de. “Um Génio Que Era Um Santo”, de 1896. In *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 2000, p.254.

Pretendemos também evidenciar que as propostas ideológicas de Eça, que estão esboçadas em suas cartas, em seus artigos d'*As Farpas* e na sua Conferência do Casino, são demonstradas praticamente em seus romances, pois sua crítica se faz presente principalmente através de personagens que lhe permitiam ironizar certos comportamentos e atitudes característicos da época.

O romance que escolhemos para ilustrar o projeto de Eça de Queirós de realizar um “inquérito à sociedade portuguesa”, investigando profundamente seus “vícios” e expondo seus piores defeitos, com a finalidade de obter uma possível redenção, foi *O primo Basílio*. No romance em questão, que faz parte das famosas *Cenas da vida portuguesa* do autor, entramos em contato com o panorama da vida social e cultural da época, em que são criticados a típica família da pequena burguesia lisboeta, a educação sentimental feminina, a literatura romântica e o teatro português, a educação oficial e o verbalismo do político, a vida medíocre, vazia e materialista do pequeno burguês, a religião supersticiosa, a mentalidade provinciana e o desejo de ascensão social levado ao extremo -- fatores que Eça considerava “verdadeiros empecilhos” para a transformação moderna.

Visto que a crítica do autor se faz presente essencialmente através das descrições do comportamento e das atitudes das personagens, que “encarnam” os defeitos de seus país, optamos por analisar o romance mantendo a ordem cronológica dos acontecimentos e por refletir sobre o projeto revolucionário de Eça de Queirós em relação à obra conforme os personagens vão sendo apresentados.